

José Cardoso Pires em entrevista ao PÚBLICO

“Detesto o adjetivo”

ONTEM FOI um dia intenso e um tanto inesperado para José Cardoso Pires. Um prémio como o Pessoa não se ganha de ânimo leve. Recebeu o jornalista em sua casa com a simpatia que lhe é reconhecida. Estava satisfeito e sentia-se honrado com a distinção.

Escritor da ruptura com o neo-realismo. Amigo de Carlos de Oliveira, Redol, Cesariny e de O'Neill. Crítico de Torga, Régio e Namora. Autor de "O Delfim". José Cardoso Pires continua a ver como nunca agarrado à escrita, após a experiência enriquecedora de "De Profundis, Valsa Lenta".

PÚBLICO — Que importância tem para si este prémio?

JOSÉ CARDOSO PIRES — Tem um lugar muito próprio, muito bem definido na vida cultural portuguesa porque não é um prémio exclusivamente ligado à literatura, abrange outros sectores como a ciência, a pintura. Daí ser mais surpreendente porque a escolha não é limitada. O prestígio vem dessa liberdade.

P. — Na justificação do júri, diz-se que Cardoso Pires é património da nossa literatura, um clássico contemporâneo... quer comentar?

R. — Penso que isso não é uma afirmação "post-mortem" de quando um fulano tem uma obra acabada. Nenhum escritor considera a sua obra acabada. Ele há-de estar a morrer e ainda ter a esperança de acabar um capítulo e esse é que será o melhor. Quando se diz que uma obra ou um capítulo dessa obra pertence ao património cultural é porque se considera suficientemente individualizada e significativa da história do conjunto da produção nacional.

P. — Os seus mais jovens leitores estão a tomar conhecimento da sua obra considerando-o um escritor da cidade, aquele que escreve sobre Lisboa, através de "Alexandra Alpha", das crónicas e sobretudo de "Lisboa — Livro de Bordo". Afecta-o ser ligado a este universo restrito?

R. — Não conheço o meu público, apenas conheço os exemplares que vendo. Por exemplo, a propósito do "De Profundis, Valsa Lenta" apareceu-me gente de todo o tipo e a fazer as perguntas mais insólitas. Se eu tinha andado de braço dado com o S. Pedro, coisas assim. Mas o que diz tem uma certa verdade. Um jovem de Lisboa que leia um romance meu fatalmente ficará com essa percepção.

P. — Refere-se ao "Lisboa — Livro de Bordo"?

R. — Sim, mas esse obriga a uma certa cultura, já não pode ser um jovem. Tem que ter uma memória, uma outra relação com a alma da cidade. Ou seja, o espírito de lugar.

P. — Significa que a sua obra pode ser pegada por diversas linhas: Lisboa, a paisagem, as personagens, o cinema, a crónica, a ditadura, a identidade do que é ser português...

R. — É por isso que digo que uma obra literária é mais rica quanto mais leitores sugere. Quer dizer que é muito mais dinâmica, levanta ângulos diferentes de enfoque.

P. — Não se considera portanto dentro de nenhuma corrente literária?

R. — Não.

P. — Aliás, é uma das suas características nunca ter pertencido a qualquer corrente. Considera-se até que o Cardoso Pires fez a ruptura com o neo-realismo, nomeadamente no "O Delfim" e no...

R. — Sim, sim. E com o "Hóspede de Job" eu oponho-me à demagogia e ao populismo que o neo-realismo trazia. Não é por acaso que eu faço parte de uma geração toda ela com essa atitude, em que se destacavam o Alexandre O'Neill e o Mário Cesariny. Eram indivíduos que sempre foram bem tratados, como eu. Os neo-realistas, aliás, protegeram-me muito. Foram eles, os bons com quem eu me dava, que pagaram o meu primeiro livro. Porque havia

também uma coisa que nos unia que era a censura.

P. — O Carlos de Oliveira...

R. — Sim. Mas o Carlos de Oliveira era um caso muito especial. É um dos maiores escritores do século. Ele defendia um neo-realismo à maneira de um Elio Vittorini. No fundo, ele era mais contestatário do que eu, por exemplo. Porque estava de dentro a atacar o que estava dentro. Um homem que escreve um livro como "Finisterra" não tem nada a ver com a prosa provinciana e salaia de um Fernando Namora, que foi um escritor-vedeta do neo-realismo.

P. — Como vê o Redol?

R. — O Redol, além de ter sido um homem profundamente sério e de uma grande coragem, é autor de um dos maiores romances da literatura deste século que é o "Baranco de Cegos". Daquela geração, não quero falhar, mas são os romances do Carlos de Oliveira e aquele do Redol que marcam.

P. — E há o Régio, o Torga, o Nemésio...

R. — Não me venham com coisas. Aqueles romances valem mais do que os do Régio e muito mais do que os do Torga. A obra de Carlos de Oliveira vale três vezes mais do que a do Torga, pode escrever e sublinhar. Isto era uma conversa que dava para três dias.

P. — E o Nemésio?

R. — Se quiser comparar um escritor de quem toda a gente fala e era um bom escritor, sobretudo um bom poeta, é o Nemésio. Toda a gente fala do "Mau Tempo no Canal". Já ouvi compará-lo a "Moby Dick" e coisas do género. Eu dei aulas de literatura portuguesa em Londres durante três anos e tenho pontos de alunos notáveis. Um deles faz uma análise do "Mau Tempo no Canal" em que diz: "Isto parece uma superprodução do Selznick. Tem tudo, assassinio, roubo, naufrágio, etc, etc. De facto, era uma análise destruído-

Eu tenho uma falta de paciência para tudo menos para escrever. Não alterei nada. Hoje tenho mais falta de memória, mas nunca quando estou a escrever. Mantenho o meu ritmo de escrever à mão na Costa da Caparica e a seguir de vir para Lisboa passar a limpo no computador e emendar.

ra de tudo aquilo". No entanto, ai Jesus!

P. — Quase todos os seus amigos escritores eram também poetas. A poesia para si...

R. — Eu estou com 72 anos e nunca escrevi um verso na minha vida. Nem à minha mulher, nem quando andava a engatar miúdas, nunca escrevi. Não sei. Achava ridículo.

P. — A sua obra é atravessada por um procura da identidade do homem, sobretudo do que é ser português.

R. — Para mim escrever ficção é uma busca de identidade comigo próprio, com a língua, com o país. São estes três valores que fazem com que se escreva. Preciso de discutir a relação que tenho comigo próprio. Não é possível escrever bem sem conflitos com a língua. Quem não tem estes conflitos é o mesmo do que ir para cama com uma mulher frígida. Não vale a pena.

P. — Esse conflito reflecte-se no seu ritmo de escrita, lento, rigoroso, perfeccionista?

R. — Sim, tem muito a ver, mas não será perfeccionismo. Tem mais a ver com a minha respiração. Eu sou um escritor substantivo, detesto o adjetivo, mas não o faço por

capricho. O que eu pretendo é que cada livro que escreva seja como se fosse escrito por um leitor. O que eu quero é comunicar, deixar liberdade para o leitor criar. Prefiro pecar por defeito do que por excesso.

P. — Na sua opinião é possível tipificar o homem português? Marialva, libertino...

R. — É muito difícil. Aliás, esse libertino não é português, é uma classe de homem que existe em Itália, na França. O pescador é libertino, o camponês é conservador, não. São classes sociais com uma mentalidade perfeitamente definida. Agora, no dia em que se estabeleça uma definição concreta do português, a literatura portuguesa acabou.

P. — Hoje é tudo muito rápido.

R. — O escritor que começa a escrever aos 20 anos está sempre a ser ultrapassado pelo tempo. De repente, aqueles sobre quem escreveu já não têm nada a ver com os que estão ao lado. Sabem lá o que foi a Pide, o fascismo, o 25 de Abril. O tempo tem uma velocidade enigmática e nós, de um momento para o outro, verificamos que a experiência que adquirimos não vale nada.

P. — A experiência que teve com a sua doença que deu origem ao "De Profundis, Valsa Lenta" alterou a sua atitude com a escrita, por exemplo o desejo de ter que escrever mais depressa?

R. — Não, não. Eu tenho uma falta de paciência para tudo menos para escrever. Não alterei nada. Hoje tenho mais falta de memória, mas nunca quando estou a escrever. Mantenho o meu ritmo de escrever à mão na Costa da Caparica e a seguir de vir para Lisboa passar a limpo no computador e emendar.

P. — Foi jornalista no "Diário de Lisboa". A sua relação com o jornalismo modificou-se?

R. — O jornalismo de hoje, por muita selvajaria que pratique, é mais importante do que o pão para a boca. Mesmo se diz duas verdades entre catorze mentiras. São duas que chegam e assim nos safamos de estar na mão de uma censura comprada, de uma censura tácita, de estarmos na tal democracia musculada que queria o senhor Cavaco Silva que é um homem que gosta de censuras.

P. — Mantém o prazer em ler jornais?

R. — Mantenho e hoje ainda mais. Acho mesmo que o jornalismo de hoje é mais culto. Tornou-se mais criativo. Porque passar de um jornalismo controlado pela censura para outro em liberdade, quer se queira quer não, tem que ser melhor. Hoje lê-se um jornal de ponta a ponta.

P. — E em escrever crónicas como as que fez para o PÚBLICO?

R. — Sim, dá-me prazer, mas tive que desistir delas, pelo menos por agora, porque interferiam com a escrita dos meus livros. Estou a escrever um romance e de repente, eh pá, tenho que ir escrever a crónica! Lixa tudo! A crónica tem uma característica que é muito difícil para o escritor que não é jornalista. Porque um bom cronista tem que ter uma boa velocidade de escrita, como o jornalista tem. Se não tem, a crónica torna-se ou literatura ou engonhante. Vocês têm um tipo no PÚBLICO de quem eu gosto muito que é o Rui Cardoso Martins e que faz crónicas perfeitas. Aquilo é pá, pá, pá! Se ele não fosse jornalista, apanhava logo um lentidão muito difícil de vencer.

P. — A sua relação com o cinema é pacífica? Gosta de ver os seus livros adaptados? Sentiu-se traído?

R. — O desejo é que alguém faça um filme que corresponda àquilo que o escritor quis dizer com a escrita. E quer que o faça em liberdade. Não me agrada nada ler um livro meu através de imagens de cinema. O meu sonho é que o realizador corte cenas, acrescente texto para dar uma outra leitura do livro que eu escrevi, mas para dizer as mesmas coisas do que eu. ■

Rui Ferreira e Sousa

algumas datas

1925

• José Augusto Nunes Cardoso Pires nasce em São João do Peso, Castelo Branco.

1935-44

• Estudos no Liceu Camões e frequência de Matemáticas na Faculdade de Ciências de Lisboa. Colabora na página literária do jornal "O Globo".

1945

• Alista-se na Marinha Mercante como praticante de piloto, actividade que abandona compulsivamente, "suspeito de indisciplina e detido em viagem do navio 'Niassa'".

1949

• Publicação de "Os Caminheiros e Outros Contos". Redactor e depois chefe de redacção da revista "Eva". Com Victor Palla funda a colecção de bolso "Os Livros das Três Abelhas".

1954

• Primeiro original publicado no estrangeiro: "The Outsiders" (o conto "Os Caminheiros"), na revista "Argosy", Londres. Dirige as Edições Artísticas Fólio e a colecção "Teatro de Vanguarda", que revela em Portugal obras de Beckett e Maikowski.

1959

• Lança a revista "Almanaque", com Luís Sttau Monteiro, Alexandre O'Neill, Vasco Pulido Valente, Augusto Abelaira e José Cutileiro. Breve exílio em Paris e no Brasil.

1961

• Membro da direcção da Sociedade Portuguesa de Escritores, presidida por Jaime Cortesão.

1963

• Primeiro romance publicado no estrangeiro: "L'ospite di Giobbe", Leric Ed., Milão.

1964

• Prémio Camilo Castelo Branco atribuído a "O Hóspede de Job".

1965

• Estreia de "O Renter dos Heróis" no Cineteatro Império de Lisboa, com encenação de Fernando Gusmão.

1967

• Funda, com Victor Silva Tavares, "& etc.", "magazine das letras, das artes e do espectáculo" do "Jornal do Fundão".

1968

• Ainda com Silva Tavares, dirige o "Suplemento Literário" (nova fase) do "Diário de Lisboa" e, depois, com Sttau Monteiro, o suplemento "A Mosca".

1969-71

• Lecciona Literatura Portuguesa e Brasileira no King's College, da Universidade de Londres.

1972

• O ensaio "Técnica do Golpe de Censura" é editado em Londres ("Index") e em Paris ("Esprit").

1978-79

• Vive em Londres como "resident writer" da universidade.

1980

• "Apocalipse 2" — reportagem sobre o Vietname para as revistas "Triunfo", de Madrid, e "Hoy", do México.

1983

• Grande Prémio do Romance atribuído à "Balada da Praia dos Cães".

1993

• Inicia a publicação das suas crónicas no PÚBLICO

1995

• Um acidente vascular cerebral força o seu internamento no Hospital de Santa Maria. Relatará a experiência em "De Profundis".

Fonte: "Cardoso Pires por Cardoso Pires", de Artur Portela, Dom Quixote.